

## A II GUERRA MUNDIAL CHEGA À AMÉRICA DO SUL: A “BATALHA DO RIO DA PRATA” E AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE BRASIL E O URUGUAI (1939-1945)

Rafael Nascimento Gomes\*

### RESUMO

As relações entre Brasil e Uruguai durante o Estado Novo (1937-1945) refletem mudanças na política continental e internacional de ambos os países. O presente artigo propõe-se a analisar as relações diplomáticas bilaterais entre os países no contexto da ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945), período marcado por um processo de “modernização conservadora”, no Brasil, e, no Uruguai, pela transição democrática durante os governos de Alfredo Baldomir (1938-1943) e Juan José de Amézaga (1943-1947). Esse período foi marcado também pela II Guerra Mundial que trouxe mudanças significativas nas relações entre esses países e nas Américas, em especial, um maior protagonismo político e econômico dos Estados Unidos e uma ferrenha política de neutralidade da Argentina. Esses eventos têm seus efeitos nas relações brasileiro-uruguayas. Para isso, por meio da análise de documentações diplomáticas brasileiras e uruguayas, abordar-se-á as repercussões da chamada “Batalha do Rio da Prata”, de dezembro de 1939, e seus impactos para a região. Dessa forma, por meio das relações bilaterais, buscar-se-á compreender o posicionamento político-militar do Brasil e do Uruguai a nível regional —e internacional— frente a esse conflito de grandes proporções e consequências.

**Palavras-chave:** Batalha do Rio da Prata, Relações Brasil-Uruguai, Política Externa Brasileira, Estado Novo, Getúlio Vargas, Segunda Guerra Mundial.

### ABSTRACT

The relations between Brazil and Uruguay during the Estado Novo (1937-1945) reflect changes in the continental and international politics of both countries. This article aims to analyze the bilateral diplomatic relations between Brazil and Uruguay in the context of the dictatorship of Getúlio Vargas (1937-1945), a period marked by a process of “conservative modernization” in Brazil, and in Uruguay, for

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB). Bolsista CAPES. Pesquisador do Núcleo de Estudos Latino-Americanos (IRel-UnB). E-mail para contato: [rafaelnascimento@gmail.com](mailto:rafaelnascimento@gmail.com)

the democratic transition during the governments of Alfredo Baldomir (1938-1943) and Juan José de Amézaga (1943-1947). This period was also marked by the Second World War, which brought about significant changes in the relations between these countries and in the Americas, in particular, a greater political and economic role in the United States and a fierce policy of neutrality in Argentina. These events have their effects on Brazilian-Uruguayan relations. For this, through the analysis of Brazilian and Uruguayan diplomatic documents, it will address the repercussions of the Battle of the River Plate, from December 1939, and its impacts on the region. Thus, through bilateral relations, we will seek to understand the political-military position of Brazil and Uruguay at the regional - and international - level in the face of this conflict of great proportions and consequences.

**Keywords:** Battle of the River Plate ; Brazil-Uruguay Relations ; Brazilian Foreign Policy; Estado Novo, Getúlio Vargas; Second World War.

## Introdução

A Região do Rio da Prata foi um tema presente na agenda da política externa varguista. Não há dúvidas de que a inserção e o peso internacional do Brasil e do Uruguai são desproporcionais e assimétricos, por isso torna-se necessário compreender as estratégias, capacidades e debilidades de cada país perante o sistema internacional e perante o subsistema regional platino. Nota-se que a região platina, por sua condição geopolítica, destacou-se como um dos elementos constantes da formulação e implementação da política externa brasileira. O Uruguai, por sua vez, exerceu o papel de “fiel da balança” na disputa pela hegemonia na região entre Brasil e Argentina.

No caso do Uruguai, a região platina é a sua abertura para o mundo. Nota-se que não se trata de uma mera adaptação à determinada conjuntura, ainda que sua inserção internacional tenha sido pautada e limitada, em grande medida, pelos Estados à sua volta. O reconhecimento do Uruguai como um país pequeno e localizado no contexto latino-americano foi um fator preponderante na sua projeção internacional. (CLEMENTE, 2010; 2) Apesar de não ter um peso político decisivo no cenário internacional, muitas vezes, teve um papel significativo no cenário regional, no subsistema platino das relações internacionais, sobretudo, nas relações entre Brasil e Argentina, que disputavam a hegemonia na América do Sul.

Apesar de haver grandes estudos a respeito da projeção internacional do Brasil durante o governo de Getúlio Vargas,

principalmente, sobre o seu envolvimento na Segunda Guerra Mundial, há poucas pesquisas com ênfase em sua projeção regional. Nesse sentido, a preocupação central desse trabalho é observar de que modo a conjuntura política internacional de grandes tensões militares e diplomáticas entre as grandes potências, que culminaram na deflagração da II Guerra Mundial, interferiu nas relações bilaterais entre Brasil e Uruguai, em especial, a chamada Batalha do Rio da Prata, travada entre britânicos e alemães no Atlântico Sul, em dezembro de 1939. Nesse período, o Uruguai passou por um processo de redemocratização iniciado pelo governo Alfredo Baldomir (1938-1943), herdeiro político da ditadura terrista, e o Brasil viveu a instalação de uma ditadura personificada na figura de Getúlio Vargas (1937-1945).

### **A guerra chegou às Américas: a Batalha do Rio da Prata e suas repercussões**

Em 12 de dezembro de 1939, enquanto o *Correio da Manhã*, por meio da matéria “Tavares Bastos e o Uruguai”, lembrava da atuação do diplomata brasileiro na Missão Saravia no Rio da Prata, a guerra se aproximava do continente americano.<sup>1</sup>

Na noite de 13 de dezembro de 1939, após a chamada batalha do Rio da Prata em águas continentais, o encouraçado alemão “Almirante Graf Spee” se refugiou no porto de Montevideú, logo após um combate contra três navios ingleses: *Exeter*, *Achillese* e *Ajax*. (AYÇAGUER, 2009;1) No dia seguinte, o ministro alemão na cidade notificou e solicitou ao governo uruguaio a autorização de 15 dias para a manutenção do Graf Spee. O ministro britânico Eugen Millington-Drake,<sup>2</sup> por sua vez, baseado na Convenção de Havana, ratificada por Uruguai e demais países americanos, insistiu que o barco fosse aprisionado junto com a sua tripulação até o final da guerra.<sup>3</sup> No mês anterior, a pedido do governo uruguaio, o governo

---

<sup>1</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12.12.1939, anexo a Faustino M. TEYSERA, cônsul encarregado del Consulado General, al canceller GUANI, Rio de Janeiro, of. no. 1017, 22.12.1939. *Remite un recorte de diário conteniendo datos históricos referentes al Uruguay*. In: Legación en el Brasil. Caja 4 (1935-1945); AMREU.

<sup>2</sup> Guani e Drake se conheciam pelo menos desde 1914, quando os diplomatas britânico e uruguaio se encontraram em diversas ocasiões pela Europa durante as décadas de 1920 e 1930. E chegaram a firmar definitivamente uma relação de amizade quando Guani foi nomeado ministro em Londres, em 1936.

<sup>3</sup> Telegrama no. 203, 29.12.1939. Joseph de Neef, ministro de Bélgica, informa del resultado del combate entre una escuadra británica y el crucero alemán Almirante Graf Spee. In: NAHUM, 1998; p.431-433.

inglês tinha permitido a chegada de material alemão à capital uruguaia destinado às obras hidroelétricas de Rio Negro. Esse material se encontrava a bordo de barcos alemães refugiados em portos brasileiros.<sup>4</sup> Com tudo isso, o governo uruguaio notava a vulnerabilidade do seu território nacional, mas também sua importância geoestratégica.

Nesse conflito naval, a velocidade foi bem explorada pelos ingleses, mais velozes, obrigando os germânicos a dividirem o seu fogo, pois os navios ingleses engajaram o Graf Spee pelos dois bordos. Como destacou o almirante-de-esquadra no prólogo da edição brasileira do livro escrito pelo diplomata britânico em Montevideú na época do conflito naval, Eugen Millington-Drake, “se o combate no mar durou algumas horas, a batalha diplomática em terra durou quatro dias”. (MILLINGTON-DRAKE, 1968; 16).

Para os tripulantes alemães, Millington-Drake esforçou-se por ganhar o coração dos uruguaios para a causa britânica. Tornando-se, naquelas circunstâncias, muito popular em Montevideú. (MILLINGTON-DRAKE, 1968; 16) Segundo o comandante alemão:

A missão de nosso comandante é ganhar tempo, ainda que mais não seja mediante entrevistas. Com muita inteligência pediu trinta dias para pôr o navio em condições de navegabilidade. De acordo com as leis internacionais, um navio pode ficar num porto neutro pelo tempo necessário para restabelecer sua navegabilidade, e mais nada. [...] Os britânicos sabem tão bem como nós que uma estada de trinta dias nos daria a possibilidade de receber ajuda dos submarinos. Sabem perfeitamente que a presença dos submarinos poderia ocasionar graves perdas ao bloqueio que estabeleceram e que assim abriríamos caminho para o alto-mar, ao passo que se formos obrigados a sair nestes dois dias, isso representará um fácil triunfo para a Grã-Bretanha, que necessita desse êxito para desferrar sua derrota na batalha de ontem. O Ministro Britânico, portanto, buscará por todos os meios ao seu alcance evitar que nosso Capitão obtenha uma prorrogação. Enquanto isso, o governo uruguaio nos manda ao diabo. (MILLINGTON-DRAKE, 1968; 183).

Apesar dos esforços do ministro alemão em Montevideú, Otto Langmann, para ganhar tempo, em resposta, o governo uruguaio preferiu se basear na Conferência de Haia, de 1907 e ratificada por países europeus, em seu decreto de neutralidade de 5 de setembro de 1939. Após a análise dos danos materiais causados ao Graf

---

<sup>4</sup> Telegrama no. 202, 28.11.1939. Joseph de Neef, ministro de Bélgica, da cuenta del apoyo del público uruguayo a las Potencias Aliadas. In: NAHUM, 1998; p.430.

Spee, uma comissão técnica uruguaia estimou o prazo de 72 horas para as reparações do encouraçado. No entanto, apesar da sua navegabilidade parecer intacta, seu poderio bélico estava fortemente reduzido, senão aniquilado.<sup>5</sup>

Os barcos ingleses protegiam o vapor francês “Formose”, que conseguiu entrar no porto de Montevideú a salvo. O encouraçado alemão teria tentado interceptar a marcha do referido barco francês, ao norte da costa uruguaia, sendo, então, descoberto e perseguido pelos cruzadores ingleses. Segundo as primeiras informações obtidas pelo embaixador brasileiro em Montevideú, o barco alemão estava avariado e quase sem combustível, e estava com cerca de 60 feridos e 36 mortos. Por esse motivo, o comandante do Graf Spee pediu licença para desembarcar em Montevideú uma companhia que prestasse honras fúnebres aos mortos alemães.<sup>6</sup>

**Figura 1** - Desembarque de feridos alemães em grave estado



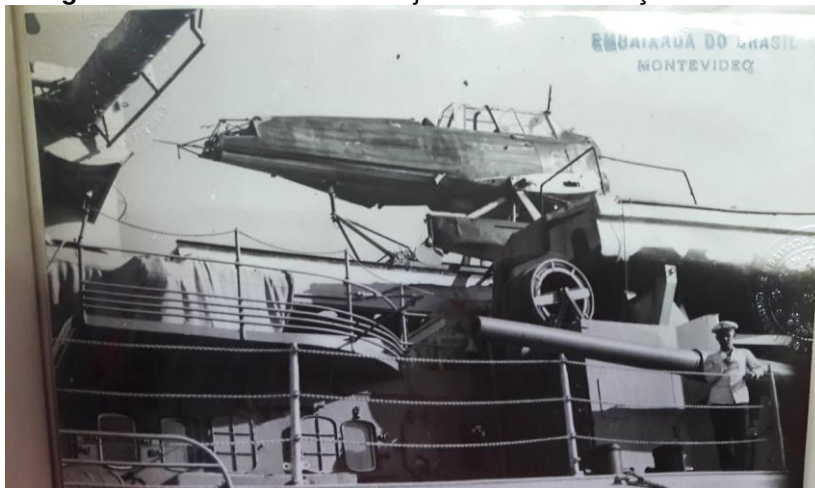
**Fonte:** Embaixada brasileira em Montevideú<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Telegrama no. 203, 29.12.1939. Joseph de Neef, ministro de Bélgica, informa del resultado del combate entre una escuadra británica y el crucero alemán Almirante Graf Spee. In: NAHUM, 1998; p.432.

<sup>6</sup>LUSARDO para ARANHA, Montevideú, of. no. 430, 14.12.1939. Combate naval entre três cruzadores de guerra ingleses e um couraçado alemão em frente às costas uruguaias. In: Dez/1939; AHI, RJ; 33/4/4.

<sup>7</sup>Idem, Montevideú, of. no. 435, 16.12.1939. Combate naval nas costas uruguaias. In: Dez/1939; AHI, RJ; 33/4/4.

**Figura 2 - O rebocador “Lavalleja” atraca ao couraçado alemão**



**Fonte:** Embaixada brasileira em Montevidéu<sup>8</sup>

**Figura 3 - Graf Spee em Montevidéu**



**Fonte:** Embaixada brasileira em Montevidéu<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>LUSARDO para ARANHA, Montevidéu, of. no. 431, 14.12.1939. Combate naval entre três cruzadores de guerra ingleses e um couraçado alemão em frente às costas uruguaias. In: Ibid.

<sup>9</sup>Ibidem.

**Figura 4** - Cortejo fúnebre às vítimas do combate naval



**Fonte:** Embaixada brasileira em Montevideu<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup>LUSARDO para ARANHA, Montevideu, of. no. 435, 16.12.1939. Combate naval nas costas uruguaias. Dez/1939; AHI, RJ; 33/4/4.

**Figura 5** - Ministro da Alemanha em Montevidéu a frente do cortejo fúnebre às vítimas do combate naval



**Fonte:** Embaixada brasileira em Montevidéu<sup>11</sup>

No dia 15 de dezembro, o governo brasileiro, por meio de telegrama, e seguindo as diretrizes pan-americanas, declarou apoio ao governo uruguaio, destacando, sobretudo, o artigo 22 da lei de

---

<sup>11</sup>Ibidem.

neutralidade de 2 de setembro.<sup>12</sup> No dia seguinte, o chanceler brasileiro, seguindo a declaração preliminar dos EUA, numa ação continental sobre a violação da zona marítima continental, na forma da Declaração do Panamá, oficializou o apoio ao governo uruguaio. Aranha destacava que, por ser uma zona marítima de interesse do Brasil, da Argentina e do Uruguai, os governos brasileiro e argentino apoiariam as decisões do Uruguai.<sup>13</sup> Aranha tinha proposto à Argentina uma ação combinada política e militarmente no sentido de cooperar com o Uruguai caso os alemães desrespeitassem a soberania uruguaia.<sup>14</sup>

Em telegrama de 16 de dezembro, João Batista Lusardo, embaixador brasileiro em Montevidéu, oficializou o apoio brasileiro ao Uruguai da seguinte forma:

Cumpr-me expressar a Vossa Excelência que o Brasil, dentro da sua tradicional orientação diplomática e conseqüente com os princípios defendidos na recente Conferência do Panamá, se solidariza com a República Oriental do Uruguai em sua atuação nestas circunstancias apoiando-a em tudo aquilo que o seu Governo, pela aplicação das leis nacionais, julgar que deva ser executado.<sup>15</sup>

Contando com a solidariedade continental, Alberto Guani reafirmou as decisões do governo uruguaio ao comandante alemão, que ameaçava não obedecer ao tempo estabelecido pelas autoridades uruguaias para as devidas manutenções do Graf Spee. Segundo o diplomata belga, o encorajado alemão tinha a bordo sessenta tripulantes ingleses, dos quais seis eram capitães da marinha mercante dos nove navios afundados. Todos foram liberados em Montevidéu. As empresas de manutenção navais do Uruguai se recusaram a prestar serviços aos nazistas alemães. Além disso, muitas dessas firmas tinham estreitas relações com

---

<sup>12</sup>ARANHA para LUSARDO, Rio de Janeiro, Telegrama, 15.12.1939. Guerra na Europa. Combate naval em águas uruguaias. In: Telegramas 1938-1941. (35/4/6). Missões diplomáticas brasileiras; AHI, RJ.

<sup>13</sup>Idem, Rio de Janeiro, Telegrama, 16.12.1939. Guerra na Europa. Combate naval em águas uruguaias. In: Telegramas 1938-1941. (35/4/6). Missões diplomáticas brasileiras; AHI, RJ.

<sup>14</sup>Idem, Rio de Janeiro, Telegrama, 17.12.1939. Guerra na Europa. Combate naval em águas uruguaias. In: Telegramas 1938-1941. (35/4/6). Missões diplomáticas brasileiras; AHI, RJ.

<sup>15</sup>LUSARDO para GUANI, Montevidéu, Telegrama no. 100, 16.12.1939. In: Dez/1939; AHI, RJ; 33/4/4.

industriais e comerciantes ingleses.<sup>16</sup>

Daí que nenhuma ajuda para reparar o Graf Spee poderia obter-se dos uruguaios, como disse o comandante Rasenack, atribuindo-o às “inteligentes atividades pessoais” do ministro britânico Drake. Segundo o comandante, a tripulação trabalhou “febrilmente para reparar os danos causados pela batalha. Os estaleiros locais não proporcionaram um único homem, um único parafuso, pois deviam obedecer às instruções de Millington-Drake, visto pertencerem a capitais britânicos”. (MILLINGTON-DRAKE, 1968; 183) Langsdorff, assim, teve que aguardar o apoio de empresas portenhas para alguns reparos.<sup>17</sup>

No quarto e último dia no porto de Montevidéu, em 17 de dezembro, o comandante Rasenack descreve que após o fracasso dos esforços empreendidos pelo capitão Langsdorff, o governo alemão comunicou a “ordem mais terrível” para os tripulantes, a de destruir o Graf Spee. Isso porque a principal função dos marinheiros era zelar pelo cuidado dos equipamentos e, agora, para impedir que os conhecimentos técnicos alemães caíssem em mãos inimigas, era preciso destruir metodicamente todos os aparelhos de controle de tiro, que tinha feito a glória alemã durante a batalha na embocadura do Rio da Prata. (MILLINGTON-DRAKE, 1968; 226) Descreveu em seu diário:

Fizemos voar as instalações automáticas de controle de tiro com granadas de mão, destruímos os quadrantes dos delicados controles e suas partes eletrônicas a marteladas e assim peça por peça. Transportamos as peças e as culatras dos canhões para as torres grandes. Aí faremos voar tudo ao mesmo tempo. Acabamos nosso trabalho cerca de meio-dia. É terrível o que vemos em torno de nós. Este é o dia mais triste da minha vida. (MILLINGTON-DRAKE, 1968; 227)

Com o término do prazo de 72 horas, o encouraçado alemão abandonou o porto de Montevidéu. Fora das águas territoriais uruguaias, Graf Spee fora autodestruído pelo seu próprio comandante, quem “*hizovolarel barco*”. Conforme Rasenack, aquela

---

<sup>16</sup>LUSARDO para ARANHA, Montevidéu, of. no. 431, 14.12.1939. Combate naval entre três cruzadores de guerra ingleses e um couraçado alemão em frente às costas uruguaias. In: Dez/1939; AHI, RJ;33/4/4.

<sup>17</sup> Telegrama no. 203, 29.12.1939. Joseph de Neef, ministro de Bélgica, informa del resultado del combate entre una escuadra británica y el crucero alemán Almirante Graf Spee. In: NAHUM, 1998; p.432.

cena assemelhava-se a um vulcão. Dizia que era um espetáculo grandioso, porém imensamente triste. O encouraçado alemão estava envolto em labaredas. (MILLINGTON-DRAKE, 1968; 239)

Após a explosão, a tripulação alemã partiu rumo à Buenos Aires em embarcações enviadas pela embaixada da Alemanha na Argentina. Segundo a embaixada alemã em Montevidéu, Hans Langsdorff, comandante do Admiral Graf Spee, teria explodido seu navio de guerra por pressão inglesa, mas também devido ao curto prazo oferecido pelo governo uruguaio.<sup>18</sup> Após terminar essa missão, Hans Langsdorff escreveu cartas para familiares e suicidou-se em um quarto de hotel, em Buenos Aires, ainda em dezembro de 1939. Antes, todavia, deixou em declaração escrita, dirigida ao embaixador alemão, Edmond von Thermann, a afirmativa de que, desde início, desejara participar da sorte do navio que comandava, afundado em águas uruguaias. O afundamento do encouraçado alemão deixou em todos a impressão de que os alemães desejaram sepultar os segredos de sua construção, da montagem de sua artilharia e das suas máquinas.<sup>19</sup>

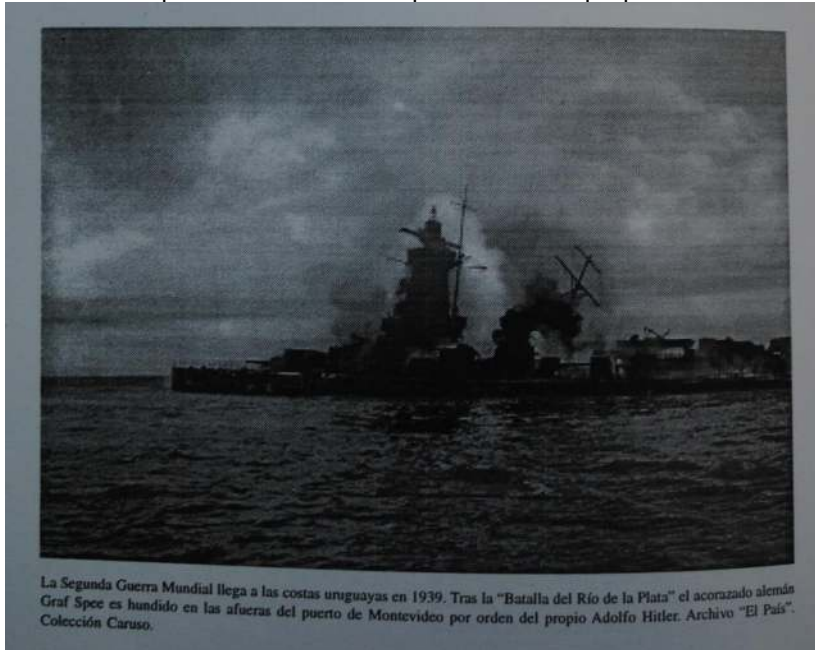
Com efeito, o incidente gerou uma série de correspondências entre os países americanos, no sentido de tentarem uma atitude conjunta para protestar contra a violação da zona de neutralidade, imposta na Conferência do Panamá. Por fim, o governo panamenho enviou um telegrama de protesto aos países beligerantes (Alemanha e Inglaterra), com a aprovação de todas as Repúblicas Americanas. (FERRER et al; 2012; 556-557)

---

<sup>18</sup> Telegrama no. 203, 29.12.1939. Joseph de Neef, ministro de Bélgica, informa del resultado del combate entre una escuadra británica y el crucero alemán Almirante Graf Spee. In: NAHUM, 1998; p.433.

<sup>19</sup> LUSARDO para ARANHA, Montevidéu, of. no. 440, 21.12.1939. Combate naval na costa uruguaia. Afundamento do "GraffSpee" em Montevidéu e suicídio do Comandante em Buenos Aires. In: Dez/1939; AHI, RJ; 33/4/4.

**Figura 6** - Torpedeamento do encouraçado alemão Graf Spee aos arredores do porto de Montevidéu por ordem do próprio Adolf Hitler



Fonte: (CAETANO; BUCHELI, YAFFÉ, 2002; p.166)

Com esse acontecimento, adicionada a invasão soviética da Finlândia- “uma pequena democracia modelo, tal como o Uruguai se concebe” -,<sup>20</sup> em 30 de novembro de 1939, os temores das Forças Armadas uruguayas se acentuaram. O próprio presidente Alfredo Baldomir, no âmbito privado, teria se indignado com a invasão soviética. Indignando criticava os países neutros, tal como o Uruguai: “*Nos muestra que error es cometieron y comentenlos neutrales al no unirse bajo pactos de asistencia mutua. Así, serán tragados a pedazos, uno después de otro*”.<sup>21</sup> Baldomir, apesar de seu alinhamento pró-aliado, nunca abandonou seu anticomunismo.

---

<sup>20</sup>Millington Drake, ministro de la legación británica, Informe sumario de eventos en Uruguay en 1939, Montevideo, 8.03.1940., doc. 531. In: NAHUM, Benjamín. (Org.). **Informes diplomáticos de los representantes del Reino Unido en el Uruguay.** Tomo VIII: 1938-1943. Montevideo, UdelaR; 1999; p. 164.

<sup>21</sup> Hugh H. Gridley (gerente general del Ferrocarril Central Argentino) a Millington Drake, Montevideo, 4-5.12.1939, doc. 529. In: Ibid; p. 147.

**Figura 7** - Capa do jornal *El País* de 19 de dezembro de 1939



**Fonte:** (*El País*, 19/12/1939)

Preocupado com a situação, Lusardo reuniu os representantes diplomáticos dos países americanos, na embaixada brasileira em Montevideú, para discutirem aquela situação a nível continental. Roberto Levillier, embaixador argentino, não participou da reunião, pois estava em Buenos Aires na ocasião. No entanto, após ter falado com Lusardo no telefone, num vôo rápido de avião, Levillier conseguiu chegar na chancelaria uruguaia para participar dos últimos momentos daquela reunião. De toda forma, ficou claro que era o diplomata brasileiro quem liderava aquele grupo de

diplomatas que prestavam solidariedade à chancelaria uruguaia.<sup>22</sup>

João Batista Lusardo avaliou o impacto da Batalha do Rio da Prata da seguinte maneira:

Ficam desse drama intensamente vivido na capital uruguaia, com repercussão em todos os países do continente, ameaçados de que o mesmo se repetia em qualquer deles e a qualquer momento, ensinamentos preciosos que, para serem bem aproveitados, necessitariam que suas conclusões fossem desde logo observadas e seguidas. Quanto ao Brasil, permita-me Vossa Excelência dizer de modo ostensivo, a primeira conclusão prática é a de que, para fazer com que predomine a sua força moral, para manter o prestígio da sua tradicional diplomacia, para fixar a orientação superior e defensiva do seu Govêrno, necessita a custa de qualquer sacrifício e por qualquer preço de reconstituir as suas forças navais, adquirir material suficiente para a defesa da sua soberania e, se necessário, ajuda à manutenção da soberania dos Estados vizinhos e amigos que a solicitem.<sup>23</sup>

Não por acaso que, em reunião secreta dos parlamentares uruguaios com o Ministro da Defesa Nacional e Ministro das Relações Exteriores, cogitou-se a aquisição de dois navios de guerra e da remodelação completa das forças aéreas e compra de aviões e hidroaviões.<sup>24</sup> Aquele projeto de modernização de suas Forças Armadas tão desejado pelos militares uruguaios ganhava força após o ocorrido nas águas platinas. Após o combate naval, as patrulhas se intensificaram no Prata.<sup>25</sup> Os países americanos perceberam que cedo ou tarde precisariam tomar uma posição mais definida perante o conflito mundial.

Nesse cenário, os EUA buscavam espaço na região e cogitaram até a instalação de bases navais no Uruguai. Em contraste com a rivalidade argentina, Brasil e Uruguai seguiram as posições norte-americanas nos fóruns pan-americanos. Por outro lado, havia preocupação do governo argentino da instalação de base norte-americana na margem esquerda do Rio da Prata, por

---

<sup>22</sup>LUSARDO para ARANHA, Montevideú, of. no. 436, 18.12.1939. Combate naval nas costas uruguaias. Afundamento do "Graff Spee". In: Dez/1939; AHI, RJ; 33/4/4.

<sup>23</sup>Ibidem.

<sup>24</sup>Idem, Montevideú, of. no. 442, 22.12.1939. Compra de material bélico em consequência da crise provocada pelo "Admiral Graff Spee". In: Dez/1939; AHI, RJ; 33/4/4.

<sup>25</sup>Idem, Montevideú, of. no. 15, 31.01.1940. Mês militar-naval-aéreo. Relatório no.1. In: Jan-Mar/1940; AHI, RJ; 33/4/5.

crer que poderia facilitar aos EUA converter-se no árbitro dos assuntos da região e, nela, ampliar sua influência. Ademais, essa presença militar norte-americana fortaleceria a posição do Uruguai que poderia, eventualmente com o apoio do Brasil, arrancar da Argentina concessões quanto à soberania das águas do Rio da Prata. (DORATIOTO, 2020; 288) Para conquistar o país platino, os EUA cediam empréstimos ao governo uruguaio, em dezembro de 1940, por exemplo, o Uruguai obteve um empréstimo no valor de 7.500.000 dólares do Eximbank dos EUA.<sup>26</sup>

Nesse contexto, os Estados Unidos assumiram o lugar de “escudo protetor”, tanto do governo brasileiro quanto do governo uruguaio. Em síntese, por um lado, EUA buscaram se aproximar do Brasil e do Uruguai como uma forma de se contrapor à neutralidade intransigente da Argentina. Por outro lado, para contrabalancear as suas relações controversas e desconfiantes com a Argentina, o Uruguai e o Brasil se aproximaram dos EUA.

Em síntese, esse cenário geopolítico, regional e mundial contribuiu significativamente para a intensificação das relações com o Brasil. O governo uruguaio comprou armas no Brasil, negociou assistência técnica militar e acordos, dos quais, quase sempre, havia uma espécie de tutoria norte-americana amparando e servindo à sua estratégia de “domesticar” a Argentina, declaradamente fora da órbita dos EUA.

## **Conclusão**

As relações diplomáticas entre Brasil e Uruguai durante o Estado Novo foram, predominantemente, amistosas, sobretudo, a partir do início da II Guerra Mundial, em setembro de 1939. Tradicionalmente, no Rio da Prata, as relações bilaterais entre Brasil e Uruguai serviram como um contrapeso às relações conflitantes entre Brasil e Argentina, e às relações hostis entre Uruguai e Argentina. Nesse período, por conta da aproximação político-ideológica dos regimes políticos daquele período, isto é, os governos terristas de Gabriel Terra (1931-1938) e Alfredo Baldomir (1938-1943), no Uruguai e o governo estado-novista no Brasil (1937-1945), além das convergências de interesses, houve a consolidação de uma parceria estratégica. Nem mesmo com as mudanças de

---

<sup>26</sup>Oswaldo FURST, secretário da embaixada brasileira em Montevidéu, para ARANHA, Montevidéu, of. no. 376, 31.12.1940. Mês econômico-financeiro-comercial. Relatório no. 12. In: Out-Dez/1940; AHI, RJ; 33/4/8.

regimes políticos houve o esfriamento das relações brasileiro-uruguaias. É verdade que as preocupações e tensões com a Argentina contribuíram para essa aproximação entre os países. Por conseguinte, o Uruguai se aproximou ainda mais do Brasil, bem como assumiu posturas convergentes às posições brasileiras em fóruns pan-americanos.

Nota-se que o Uruguai, mesmo durante o processo de redemocratização iniciado pelo governo Baldomir e consolidado pelo governo Amézaga, aproximou-se politicamente da ditadura varguista. Entretanto, cabe destacar que Getúlio Vargas não era uma unanimidade; não era visto de forma homogênea pelos políticos, diplomatas e militares uruguaios. Ainda assim era um aliado necessário para se opor e contrabalancear ao vizinho agressivo do outro lado do Rio da Prata.

Meses após o início da II Guerra Mundial, em dezembro de 1939, o torpedeamento do encouraçado alemão *Graf Spee* por submarinos britânicos no Atlântico Sul, em águas uruguaias, demonstrou que nenhum país das Américas estava seguro e isso fortaleceu a solidariedade continental por meio do panamericanismo. Dois anos depois, em dezembro de 1941, com os ataques japoneses a base norte-americana de Pearl Harbor, os Estados Unidos declararam guerra aos países do Eixo fortalecendo os Aliados. Em resposta, a posição dos países americanos passou da neutralidade à ruptura com o Eixo, com exceção da Argentina e Chile. De toda forma, a Conferência do Rio de Janeiro, realizada em janeiro de 1942, confirmou a hegemonia norte-americana nas Américas e contribuiu na consolidação da aliança política-estratégica entre Brasil e Uruguai.

Dessa forma, com base na documentação diplomática analisada, pode-se concluir que a II Guerra Mundial, direta e indiretamente, redefiniu a vida política da região platina. Tal como o Brasil, as relações entre Uruguai e Argentina foram marcadas por desconfianças mútuas. De maneira oposta, as relações do Uruguai com o Brasil foram definidas por convergências e solidariedades no plano internacional, como demonstrou-se com os acontecimentos da Batalha do Rio da Prata.

Enfim, observa-se, portanto, que a II Guerra Mundial e seus desdobramentos transformaram o papel do Uruguai no Rio da Prata, integrando-o ao circuito de influência norte-americano. Embora o mais importante aliado dos EUA fosse o Brasil, sua localização geográfica, história e política o ressignificaram na nova realidade internacional e no equilíbrio de poder da região. Nessa conjuntura, o

abastecimento militar dos Estados Unidos, a padronização das Forças Armadas do Uruguai, em consonância com as do Brasil e EUA, o controle das comunicações, o acesso a informações e o apoio na construção de infraestrutura defensivas marcaram a instalação geoestratégica do Uruguai na órbita militar dos Aliados. Em síntese, o conflito mundial mudou o papel geoestratégico do Uruguai e o nascimento do peronismo na Argentina o confirmou nesse novo papel no Rio da Prata, consolidando as relações brasileiro-uruguaias.

### Fontes / Acervos

- a) *Archivo Histórico-Diplomático del Ministerio de Relaciones Exteriores del Uruguay* (Montevideu, Uruguai);
- b) *Archivo Histórico de la Cancillería Argentina (Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto)*; Buenos Aires, Argentina).
- c) *Biblioteca del Instituto Artigas del Servicio Exterior* (Montevideu, Uruguai);
- d) Arquivo Histórico do Itamaraty (Rio de Janeiro, Brasil);

### Referências bibliográficas

AYÇAGUER, Ana María Rodríguez. El gran vecino norteño: una aproximación a las relaciones de Uruguay con Brasil en la primera mitad del siglo XX. **Res gesta**, número 52, Año 2017; Rosario, Argentina. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/5630/1/890-2971-2-PB.pdf> Acesso em: 02/08/2018.

\_\_\_\_\_. **La diplomacia del anticomunismo**: la influencia del gobierno de Getulio Vargas en la interrupción de las relaciones diplomáticas de Uruguay con la URSS en diciembre de 1935. In: *Estudios Ibero-Americanos*, Vol. XXXIV, Núm. 1, jun., PUC-RS; 2008; pp. 92-120.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. (Orgs.). **A Era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

CAETANO, Gerardo. (Coordinador). **Uruguay. El “país modelo” y sus crisis**. Tomo III- 1930-2010. Madrid: Fundación Mapfre; Montevideo: Editorial Planeta; 2016.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do**

**Estado Novo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. [O Brasil Republicano; v.2]; p. 107-143.

CERVO, Amado; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Externa Brasileira.** Brasília: EdUnB; 2002.

CLEMENTE, Isabel. **Política exterior delUruguay, 1830-1995.**Tendencias, problemas, actores y agendas. In: Documentos de Trabajo No. 69. Montevideo; 2005.

\_\_\_\_\_. Uruguay en las conferencias panamericanas: la construcción de una opción en Política exterior.**Ponencia presentada al Simposio “Los Asuntos Internacionales en América Latina y el Caribe. Historia y Teoría. Problemas a Dos Siglos de la Emancipación.** Santiago de Chile, 2010.

DE LOS SANTOS, Clarel. El péndulo magnetizado: las relaciones de Uruguay con Brasil durante la II Guerra Mundial. **Avances de Investigación,** Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2011.

DORATIOTO, Francisco. **O Brasil no Rio da Prata.**Brasília: FUNAG; 2014.

\_\_\_\_\_. Paraguai, Uruguai, a II Guerra Mundial e o reequilíbrio de forças no Rio da Prata. **R. IHGB,** Rio de Janeiro, a. 181(483): 269-302, Rio de Janeiro; mai/ago. 2020.

FERRER, Jorge Luiz Pereira; ZHEBIT, Alexandre; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Sobre as políticas externas da Argentina, do Brasil e do Chile com relação à Alemanha, aos Estados Unidos e à Itália entre a Conferência de Lima e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1938-1942). **Diálogos** (Maringá. Online), v. 16, n. 2, mai.-ago./2012.

FREGA, Ana [et all]. **Historia del Uruguay en el siglo XX: 1890-2005.** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

GOMES, Rafael Nascimento. **As relações diplomáticas entre Brasil e Uruguai (1931-1938).** O Brasil de Getúlio Vargas visto pelo Uruguai de Gabriel Terra. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

LARA, Daniel Acosta y; LEICHT, Federico. **Graff Spee.** De Wilhelmshaven al Río de la Plata. (1939-2014). Montevideo: Ediciones de la Plata, 2014.

MERCADER, Antonio. **El año del León.** 1940. Herrera, las bases norteamericanas y el complot nazi. Montevideo, Aguilar, 1999.

MILLINGTON-DRAKE, E. **A Batalha do Rio da Prata – O Drama do Couraçado “Graf Spee”.**São Paulo: Flamboyant, 1968.

MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil: 1939-1950:** Mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial.Brasília: FUNAG; 2012.

MOURELLE, Thiago; FRAGA, André (Orgs.). **Olhares sobre o governo Vargas.**Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

NAHUM, Benjamin; BALBIS, Jorge. (Orgs). **Informes diplomáticos de los representantes de Bélgica en Uruguay. Tomo I: 1832-1946.** Montevideo, Udelar, Departamento de Publicaciones, 1998.

NAHUM, Benjamín. (Org.). **Informes diplomáticos de los representantes del Reino Unido en el Uruguay. Tomo VIII: 1938-1943.** Montevideo, Udelar; Departamento de Publicaciones, 1999.

NEPOMUCENO, Maria Margarida Cintra. **A Missão Cultural Brasileira no Uruguai:** A construção de uma modelo de diplomacia cultural do Brasil na América Latina. Tese de doutorado- Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP), São Paulo, 2015.

ODDONE, Juan Antonio. **El Uruguay entre la depresión y la guerra. 1929-1945.** Montevideo, FCU/FHCE, 1990.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela de Castro. **Estado Novo: Ideologia e Poder.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O tempo do nacional-estatismo:** do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011; p.13-37.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. **Participação política nos discursos oposicionistas a Getúlio Vargas (Brasil) e Gabriel Terra (Uruguai)-1930/1942.** Tese de doutorado- UFRS. Porto Alegre; 2007.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. **Diplomatas, políticos e militares.** As visões do Brasil sobre a Argentina durante o Estado Novo. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

VARGAS, Getúlio. **Diários.** São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV; 1995.

\_\_\_\_\_. **O Estado Novo e suas realizações.** Rio de Janeiro, abril de 1938.

Recebido em 28/11/2020

Aprovado em 22/02/2021